

Crítica // Cara de um, focinho de outro ★★★

Vocação para mudanças

Ricardo Daehn

Falsos animais, a sobreposição do império dos humanos e a fúria da mãe natureza se misturam na trama da animação *Cara de um, focinho de outro*. Produto da Disney-Pixar, o filme se afirma no embate entre o prefeito Jerry e a jovem Mabel, combativa e disposta a

recuperar uma clareira, que modificou a paisagem anteriormente acolhedora e que trazia a formação de um dique e aventuras animais para um bem frequentado lago.

Conduzido por Daniel Chong, e tendo por roteirista um dos profissionais da equipe do anterior *Elio*, Jesse Andrews, o longa trata de confiança, que pode “vazar,

vez ou outra”, e do avanço de tecnologia, em desenvolvimento na Universidade da Barra do Castor, sob liderança das dinâmicas Doutora Sam e a assistente Nisha.

Movido por um personagem abobalhado, mas bem simpático — o rei George, um castor —, o filme mostra uma transformação gradual para a personagem Mabel (enfezada,

mas que, diante de conclave da avó Tanaka, aprende a ouvir desígnios da natureza), que, inusitadamente, chega a galgar o posto de “Pata do rei”, escolhida como uma espécie de conselheira. Uma das surpresas do longa é a presença de Tito, personagem bem irritante.

Combinando bichos e pessoas, vez por outra, o filme exagera, ficando meio sem

lógica, como quando dos voos de um tubarão bem agressivo (e decisivo na trama). Por outro lado, a criatividade impera, como na impagável cena em que uma borboleta é esmagada. Também é muito original o tipo de diálogo travado por celular entre Jerry e os animais. Ah! Importante alertar que há duas divertidas cenas pós-crédito.

Cara de um, focinho de outro: aprendizado paulatino

DISNEY-PIXAR

Crítica // Minha querida família ★★★

Divertida perturbação coletiva

Um raio pode cair no mesmo lugar, por duas vezes, especialmente quando estão em jogo vidas e destinos das personagens que cercam a de Élodie Bouchez, Estelle, em *Minha querida família* (filme da francesa Isild Le Besco). Com roteiro de Raphaëlle Desplechin (Turnê), Steven Mitz (Um caso comum) e da diretora, o drama pesa na violência física e psicológica de todos os filhos da matriarca Queen, vivida por Marisa Berenson, eternamente

lembrada pelos trabalhos em *Cabaret*, de 1972, e *Barry Lyndon*, de 1975.

Num sentido figurado, reis, príncipes e demais realezas têm altas desavenças, num encontro em família que promete concentrar rugas de toda uma existência. A disfuncionalidade é coletiva e se origina na imagem confusa (do passado) em que cavalos pretos adentram o mar, num banho bastante perigoso.

Élodie (de *A vida sonhada dos anjos*, que lhe rendeu o prêmio de melhor atriz no

FÊNIX FILMES/ DIVULGAÇÃO



Minha querida família: pesa o magnetismo de Marisa Berenson

Festival de Cannes de 1998) está mais do que bela e convincente como a mulher que escapa de um fracassado

casamento com Antonio (Steffano Cassetti), um italiano violento. Fugindo do ex, ela cairá numa terapia em grupo,

em que todos os seus parentes têm algo a ser redimido.

Há do irmão postico Jean-Luc (Elie Semoun) ao irmão quase desconhecido por todos, Marc (Axel Granberger), passando pela enlouquecida e dominadora Janet (Jeanne Balibar), capaz de enlouquecer todos. Isild Le Besco, também atriz, interpreta a plácida Mannon, enquanto Michael (um senhor de boa energia apaixonado por Queen) é interpretado pelo sensível Geoffrey Carey. Com um elenco absurdo (dispersivo, é verdade, em alguns breves momentos), o filme é enxuto, apesar de acumular tantas camadas de agitação. (RD)